



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## EDUCAÇÃO, ECOLOGIA E UM NOVO MOVIMENTO SOCIAL GLOBAL: A *ECOSOCIALIST INTERNATIONAL NETWORK (EIN)*

Ivonaldo Leite\*

Paulo Roberto Palhano Silva\*\*

### 1 - Introdução

A discussão sobre a dimensão social do desenvolvimento e as conseqüências dele decorrentes é algo que vem de longe. Já entre os *founding fathers* do pensamento social, eram debatidos os contornos da *racionalidade formal* e da *racionalidade substantiva*. Trata-se de um tema que foi de Marx, e de Weber também. Isto é, colocava-se como questão algo nada irrelevante: será possível ir mais além da *racionalidade formal*, da produtividade pela produtividade, e inquirir sobre os *porquês* e os *para quem* do desenvolvimento?

Acreditando que sim, no século passado, diversas abordagens não só denunciaram a *ortodoxia* da “mão invisível”, como também assumiram (algumas mais, outras menos, é verdade) a busca por um *outro desenvolvimento*. A Declaração de Cocoyoc, o Colóquio de Argel, o Relatório de Uppasala, as idéias de Raul Prebisch, as elaborações de Celso Furtado e sua Escola Estruturalista, formulações da Teoria da Dependência, as teses de Samir Amin, etc., são exemplos de iniciativas que, ontem (algumas ainda hoje), procuravam por, como ficou conhecida a expressão no idioma em que ela surgiu, *another development*.

A “todos” assustava que a civilização industrial, ou mais propriamente interesses sociais e econômicos a ela vinculados, estivesse a configurar um panorama fantasmagórico de uma civilização de *Molochs* que devorava os seus frutos. *In extremis*, o absurdo se expressou pela linguagem bélica: a velha lição da “diplomacia pelas armas”. O século XX foi um século de terríveis guerras. O Ocidente “civilizado” produzindo a barbárie. A crença num progresso “unidimensional” e “permanentemente rentável”, que desconcertou o anjo de Klee na versão melancólica de Walter Benjamin, deu origem a horrores que nem a imaginação fervente de Goya antevira e que, no caso

---

\* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), *Campus IV/Litoral Norte* – Departamento de Educação.

\*\* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), *Campus IV/Litoral Norte* – Departamento de Educação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

da Segunda Guerra, necessitou da sintaxe picassiana para simbolizar em *Guernica* o irracional corporificado.

Diante de tal quadro, o *establishment* internacional reagiu. A resposta: a criação da ONU, a ação das suas agências. Mas o giro em falso era evidente: apostou-se apenas na tecnocracia, desconsiderando-se outros fatores determinantes. A “irracionalidade tecnocrática” não se fez de rogada: programas das agências tudo podiam e tudo sabiam (de fato) no plano técnico, mas sendo eles aplicados pelos “canais competentes” (governos, “grupos de interesse”) e com as agências relegadas a si mesmas, tanto elas como os programas nada mais fizeram do que reproduzir e repor as condições que criaram os problemas que se queria combater.

Como consequência, a crise ambiental hoje se impõe anunciando catástrofes, algumas das quais a população mundial já conheceu amostras muito concretas, a exemplo do furacão Katrina e dos ciclones tropicais. Por que, apesar de se saber dos perigos decorrentes da degradação ambiental, a destruição continua? Este é ponto da questão. E foi tendo ele em conta que, para intervir no conjunto dos desafios colocados, pessoas de diversas partes do mundo fizeram surgir um novo movimento social, próprio da forma de globalização alternativa e de resistência: trata-se da *Ecosocialist International Network* (EIN), isto é, a Rede Internacional Ecosocialista.

## **2 - A Ecosocialist International Network (EIN) e a crise ecológica: causas sistêmicas**

A EIN foi fundada numa Conferência em Outubro de 2007 em Paris, com a participação de representantes, além da França, da Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Chipre, Dinamarca, Grécia, Itália, Suíça, Reino Unido e EUA. Neste mesmo encontro, decidiu-se que, em janeiro de 2009, seria realizada uma Conferência Internacional do movimento em Belém do Pará, por ocasião do Fórum Social Mundial, o que de fato ocorreu.

Em Belém, distribuiu-se um documento, com versão primeiramente em inglês, intitulado *Declaração de Belém*, que, assinado por representantes de 35 países, expressa as posições oficiais da EIN.

Ao tratar da crise ecológica, a EIN, através da referida Declaração, procura diferenciar a sua análise das abordagens convencionais, assinalando que o problema



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ecológico decorre do caráter estrutural da economia capitalista, do modo como ela funciona, e, portanto, as causas da crise são sistêmicas, pelo que as abordagens convencionais revelam-se deficientes, pois não captam este fato e, assim, não partem de um pressuposto que permita apreender a raiz do problema. Logo de saída, podemos ler o seguinte na Declaração:

Não precisamos de mais provas da natureza bárbara do capital, este sistema parasita que explora a humanidade e a natureza. Seu único motor é o imperativo rumo ao lucro e logo a necessidade de crescimento constante. Ele cria produtos desnecessários de maneira dispendiosa, drenando os limitados recursos naturais e dando em retorno toxinas e poluição. Sob o capitalismo, a única medida de crescimento é quanto é vendido cada dia, cada semana, cada ano - incluindo vastas quantidades de produtos que são diretamente prejudiciais aos seres humanos e à natureza, produtos que não podem ser produzidos sem espalhar doenças, destruir as florestas que produzem o oxigênio que nós respiramos, devastar ecossistemas, e tratar nossa água e ar como se fossem esgotos do lixo industrial. A ânsia do capitalismo pelo crescimento existe em todos os níveis, desde a empresa individual até o sistema como um todo. A fome insaciável das corporações é facilitada pela expansão imperialista na busca para ter cada vez mais acessos aos recursos naturais, mão-de-obra barata e novos mercados. O capitalismo sempre foi ecologicamente destrutivo, mas em nossa atual existência estas agressões à natureza foram se acelerando. Uma mudança quantitativa está dando lugar à transformação qualitativa, levando o mundo a um ponto limite, à beira do desastre. Um grupo crescente de pesquisadores científicos tem identificado muitas maneiras nas quais pequenos aumentos na temperatura poderiam desencadear efeitos incontroláveis - tais como o derretimento rápido da camada de gelo da Groelândia ou a liberação do gás metano enterrada no gelo e no fundo do oceano - que tornaria inevitável uma catastrófica mudança do clima (Ecosocialist International Network, 2009, p. 01)

Para os ecossocialistas, a destruição ecológica, resultante da ânsia insaciável por lucro, não é uma característica acidental do capitalismo. Está no DNA do sistema e não pode ser redirecionado para outro fim que não seja a obtenção de taxas ascendentes de rentabilidade. A produção orientada ao lucro considera somente um horizonte de curto prazo em suas decisões de investimento, e não consegue levar em consideração a saúde e a estabilidade do meio natural numa perspectiva de longo prazo. A expansão econômica infinita, entende a EIN, é incompatível com ecossistemas finitos e frágeis, mas o sistema econômico capitalista não pode tolerar limites ao crescimento; sua necessidade constante de expansão subverte todos os limites que possam se impor em nome do "desenvolvimento sustentável". Dessa forma, compreendem os ecossocialistas, por o sistema capitalista ser intrinsecamente instável, não pode colocar freios em sua própria atividade, nem superar as crises estruturais causadas por seu crescimento caótico



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

e parasítico, pois isso significaria dar cabo da acumulação de capitais e da sua reprodução.

Explicitando os seus propósitos, a EIN assinala:

O movimento ecossocialista visa parar e inverter o processo desastroso de aquecimento global em particular e do ecocídio capitalista em geral, e construir uma alternativa prática e radical ao sistema capitalista. O Ecossocialismo situa-se em uma economia transformada fundada nos valores não-monetários de justiça social e de equilíbrio ecológico. Ele critica a "ecologia capitalista de mercado" e o socialismo produtivista, que ignoraram o equilíbrio e os limites da terra. Ele redefine o trajeto e o objetivo do socialismo dentro de uma estrutura ecológica e democrática. O Ecossocialismo envolve uma transformação social que implique a limitação do crescimento e a transformação das necessidades por uma mudança profunda dos critérios econômicos quantitativos para os qualitativos, com ênfase no valor de uso em vez do valor de troca. Estes objetivos exigem a tomada de decisão democrática na esfera econômica, permitindo a sociedade definir coletivamente os seus objetivos de investimento e produção (Ibidem).

A linha de ação da EIN propugna um conjunto de transformações, como: 1) no sistema energético, substituindo os combustíveis fósseis e biocombustíveis por fontes energéticas limpas: eólica, geotérmica, marítima, e, principalmente, solar; 2) no sistema de transporte, reduzindo drasticamente o uso de caminhões e de carros particulares, substituindo-os por transporte público grátis e eficiente; 3) nos padrões atuais de produção, consumo e construção, que são baseados no lixo, na obsolescência inata, na competição e poluição, e produzir no lugar bens sustentáveis e recicláveis; 4) na produção e distribuição de alimentos, defendendo a soberania alimentar local o máximo possível e, ao mesmo tempo, rejeitando o agronegócio industrial poluidor. Em articulação com a referida linha de ação, a EIN defende, de modo mais imediato, medidas como: 1) redução drástica e obrigatória da emissão de gases estufas; 2) desenvolvimento de fontes limpas de energia; 3) provisão de um sistema extenso de transporte público grátis; 4) substituição progressiva de caminhões por trens; 5) criação de programas de despoluição; 6) eliminação da energia nuclear e do orçamento bélico.

Ao avaliarem tais reivindicações, os ecossocialistas afirmam:

Estas, além de demandas similares, estão no coração da agenda do movimento pela Justiça Global e dos Fóruns Sociais Mundiais, que têm promovido, desde Seattle em 1999, a convergência de movimentos sociais e ambientais numa luta comum contra o sistema capitalista. A devastação ecológica não será paralisada nas salas de conferências ou nas negociações de tratados: somente a ação de massa pode fazer a diferença. Os trabalhadores



urbanos e rurais, os povos do Sul global e os povos indígenas de todo o mundo estão na vanguarda desta luta contra a injustiça social e ambiental, combatendo as multinacionais exploradoras e poluidoras, o agro-negócio químico venenoso e desregulado, as invasivas sementes geneticamente modificadas (...). Nós devemos intensificar estes movimentos sócio-ambientais e construir a solidariedade entre as mobilizações ecológicas anti-capitalistas no Norte e no Sul (...). As elites governantes encasteladas são poderosas, mas o sistema capitalista se revela diariamente cada vez mais falido financeira e ideologicamente, incapaz de superar as crises econômicas, ecológicas, sociais, alimentares e as outras crises que ele gera (...). Em todos os níveis, local, regional e internacional, nós estamos lutando para criar um sistema alternativo baseado na justiça social e ecológica (Ecosocialist International Network, 2009, p. 05-06).

O programa propugnado pela EIN, sendo denúncia e, ao mesmo tempo, anúncio militante de alternativas para enfrentar o colapso ecológico, assume uma dimensão educativa, tanto no sentido de conscientizar a população global dos desafios a serem enfrentados como no de definir a forma de operacionalização específica das ações deste trabalho educativo de conscientização.

### **3 – A perspectiva educativa da Ecosocialist International Network: por uma outra educação ambiental**

Concebendo a questão ecológica de forma alternativa, também é alternativa a maneira como a educação aparece no posicionamento da EIN. Ou seja, tem-se uma compreensão comprometida com *uma outra educação ambiental*, que supere os enfoques parciais sobre a matéria, indo à raiz das causas da ameaça do colapso ecológico e apontando as medidas apropriadas para o seu enfrentamento. Ou seja, o posicionamento da EIN surge como superação dialética em relação às duas principais abordagens que, em nossa conceituação, marcam os enfoques sobre educação ambiental. O quadro abaixo configura um panorama das abordagens sobre educação ambiental, onde, referindo-se dimensões que as caracterizam, estão os dois enfoques convencionais sobre o tema (abordagem naturalista e sócio-instrumental) e a posição contra-hegemônica da EIN.

#### **QUADRO - PANORAMA DAS ABORDAGENS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL\***

DIMENSÕES	ABORDAGENS		
	NATURALISTA (Representantes das ciências físico-	SÓCIO- INSTRUMENTAL (Organizações	CONTRA- HEGEMÔNICA (EIN)



	naturais)	internacionais, como a UNESCO)	
Definição de ambiente	Restrita ao meio ambiente físico, natural	Justaposição entre ambiente físico e social	Interpenetração entre ambiente físico e social
Economia	Sem maiores considerações a respeito, prevalência da economia de mercado	Defesa da economia de mercado, de par com o discurso do desenvolvimento sustentável	Novas lógicas econômicas: crítica ao imperativo da acumulação, economia solidária, auto-gestão
Forma de conceber o conhecimento	Disciplinar	Interdisciplinar	Princípio da totalidade e transdisciplinaridade
Educação	Centralidade da educação formal	Centralidade da educação formal	Educação formal articulada com perspectivas educativas não-formais
Perspectiva pedagógica	Prescritiva/normativa	Prescritiva/normativa	Análítico-reflexiva e ético-política

\* Quadro construído pelos autores.

Da interpretação do quadro, em princípio, há que assinalar que, muito embora as abordagens naturalista e sócio-instrumental se diferenciem, elas têm significativos pontos de conexão, sendo comum que atores seus circulem entre uma e outra.

Detendo-nos na análise da primeira dimensão (a definição de ambiente), é de se reter que a *abordagem naturalista* compreende o meio ambiente apenas como ambiente físico (Capeletto, 1992), que diz respeito à natureza, pondo-se em sintonia com a formulação que remonta à elaboração de Ernst Haeckel, referente à morfologia geral dos organismos, a qual constituiu a ecologia como área científica, vinculada à biologia, tendo como propósito estudar a relação entre as espécies animais e o seu meio orgânico e inorgânico.

Trata-se de uma abordagem que não tem em conta a relação com o social, logo não se detém em considerações acerca dos fatores econômicos, pondo em evidência o modo como eles interferem no meio ambiente, a sua dinâmica na eclosão do desequilíbrio ecológico. Assim, pela omissão, não questiona o caráter degradante da economia de mercado sobre o meio ambiente. Fundamentalmente, o que aqui se tem é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

uma abordagem a partir de um único campo disciplinar, isto é, a biologia, sem interação com outros campos científicos. A sua perspectiva de educação ambiental é regida pela lógica da educação formal, seja nas próprias escolas, seja em iniciativas externas à esta, pelo que, no básico, não se tem em apreço os saberes das comunidades e dos sujeitos sobre os quais a ação da educação ambiental deve incidir. Ela assume uma postura de, normativamente, prescrever comportamentos a serem adotados. De modo geral, além dos biólogos, trata-se de uma concepção que tem como porta-vozes outros representantes das ciências físico-naturais.

Diferenciando-se, a abordagem *sócio-instrumental* (UNESCO, 1985) reconhece/assume a dimensão social na discussão sobre a questão ambiental, mas o faz de um modo que, com algumas exceções, significa uma justaposição entre o natural e o social, quer dizer, sem concebê-los como interação, constituindo uma mesma e única realidade. São reconhecidos os efeitos devastadores da economia de mercado sobre o meio ambiente; porém, as iniciativas que esta abordagem propugna são pensadas dentro dos marcos da referida economia, apelando para uma idéia funcional de desenvolvimento sustentável, o que quer dizer, também, que as propostas para enfrentar a crise ecológica não devem romper com a lógica estrutural do sistema. Até por assimilar o aspecto social, a abordagem sócio-instrumental faz o discurso da interdisciplinaridade, o que, não poucas vezes, representa meramente a junção (estaque) de enfoques disciplinares distintos. Como a *abordagem naturalista*, a *sócio-instrumental* centra-se, fundamentalmente, na educação formal, prescrevendo, de modo normativo, ações educacionais para a população, numa postura talvez até mais exógena do que a da abordagem naturalista. Isto porque são prescrições, em muitos casos, realizadas por organizações externas, como a UNESCO. Por isto, e outras razões, trata-se de uma abordagem sócio-instrumental. Sócio, porque assimila a dimensão social, mas instrumental, porque é uma concepção que tem como propósito básico instrumentalizar a ação educativa, em função do seu *background*, não tendo em atenção uma focagem analítica que ponha em questão os determinantes sistêmico-estruturais responsáveis pela crise ambiental.

No referente à *abordagem contra-hegemônica*, da EIN, a perspectiva é inteiramente diferente das duas anteriores. *Tout d'abord*, porque se trata de uma concepção alternativa às abordagens hegemônicas, dominantes, no campo do debate



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ecológico e da educação ambiental. Daí ela ser contra-hegemônica. Podem ser apontadas algumas linhas do tipo de educação ambiental da EIN, que cravam a sua diferenciação, a partir das dimensões evidenciadas no quadro apresentado, em relação às duas outras abordagens.

A *primeira* é que a educação ambiental deve mostrar as implicações sociais do colapso ecológico, descentrando a abordagem sobre o assunto do meio natural e da perspectiva sócio-instrumental.

Isto porque, entende a EIN, os efeitos da desertificação, da escassez de água e da crise alimentar atingirão o mundo de forma desproporcional. Os pobres globais, por exemplo, terão mais dificuldade para encontrar fontes de alimento e de água, bem como para obter cuidados médicos ou ajuda de emergência em caso de desastres. Neste sentido, os efeitos do Furação Katrina sobre Nova Orleans constitui um exemplo paradigmático.

Como assinalam os ecossocialistas Bellamy Foster (2002), Löwy (2005) e Kovel (2002), o colapso ambiental fará com que segurança, saúde, comida, água e habitação adequada tornem-se bens extremamente escassos. As lutas na periferia mundial, e além dela, terão a forma de lutas para alcançar bens básicos, como comida e moradia. Por outro lado, a privatização tende a ser aprofundada para tornar, na disputa pela sobrevivência, o acesso a tais bens restrito aos que têm poder econômico.

A gravidade disto é intensa, pois hoje a divisão entre ricos e pobres tem configurado dois mundos extremos. Por exemplo, aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas vivem com menos de um dólar por dia e aproximadamente 3 bilhões vivem com menos de dois (Kovel, 2002).

A *segunda linha* do tipo de educação ambiental propugnada pela EIN diz respeito ao próprio conceito de educação. Isto é, ele não é entendido como se reduzindo à educação formal. Pelo contrário, aposta-se fortemente em modalidades educativas não-formais, em diálogo, por exemplo, com os movimentos sociais. É pela práxis, entende-se (EIN, 2009), e não apenas em salas fechadas, que as ações contra a degradação ambiental e as suas conseqüências devem se realizar. Trata-se, assim, de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

levar a cabo um trabalho educativo para a intervenção e na intervenção em prol da causa sócio-ambiental.

É um trabalho, como é próprio da atuação nos espaços educativos não-formais, voltado à socialização e à ressocialização, com estas adquirindo, no entanto, em função dos propósitos da EIA, uma perspectiva que estruture a construção de uma sociabilidade *para além dos ditames do mercado*.

*Last but not least*, a *terceira linha* da educação ambiental ecossocialista refere-se, por assim dizer, ao seu caráter metodológico, ou seja, ao modo como as suas abordagens são desenvolvidas. Os enfoques tradicionais sobre educação ambiental e os lugares-comuns que lhes são próprios tenderiam denominá-lo como interdisciplinar, mas a posição ecossocialista é mais do que isto. Metodologicamente, na relação com o conhecimento, o dispositivo que lhe orienta é o da *totalidade*, ou pode-se dizer também, à maneira de Sartre (1960), é o princípio da *totalização*.

Ou seja, de acordo com o princípio da totalização, há de se submeter os resultados obtidos pelas ciências particulares a dois crivos de avaliação: por um lado, ao *dispositivo da totalidade*, através do qual se procura relacionar, dialeticamente, os objetos elaborados por uma determinada ciência particular com a *totalidade social*, *mediatizando* e *desfetichizando* os objetos, fazendo com que eles deixem de ser meros “fatos” e se convertam em processos ou momentos de processos; por outro lado, ao crivo da *historicidade*, superando a pseudoconcreticidade com que os objetos analisados se apresentam, tornando-os então estados transitórios de um *permanente devir*, pelo que então se assume uma certa herança lukacsiana (Lukács, 1980).

Como se percebe, a abordagem contra-hegemônica da EIA tem uma orientação que, frente às outras duas, lhe singulariza. Compreende o natural e o social de modo interpenetrado, constituindo uma só realidade, e não como justaposição; indo além da economia de mercado, propugna novas lógicas econômicas, a exemplo da economia solidária e da auto-gestão; no que concerne à forma de conceber o conhecimento, rege-se pelo princípio da totalidade/transdisciplinaridade; realça a educação como sendo mais do que a educação formal; e, pedagogicamente, supera a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mera prescrição normativa de ações educacionais, e assume uma postura analítico-reflexiva e ético-política.

#### 4 – A guisa de conclusão

Procuramos aqui, em princípio, de forma *en passant*, colocar em evidência as desventuras em torno do desenvolvimento, aludindo formulações da teoria social clássica, e chamando a atenção para a crise ecológica que tais desventuras geraram. De seguida, realçamos que, em função da catástrofe ambiental que se anuncia, como reação, foi constituída a *Ecosocialist International Network*, uma rede internacional, que, como movimento social, tem levado a efeito uma intervenção que, no contexto do debate ecológico e no âmbito das ações da educação ambiental, se diferencia das abordagens tradicionais e assume uma perspectiva contra-hegemônica.

Poder-se-á dizer que, diferente do que à primeira vista parece, o trabalho pedagógico em educação ambiental, tanto na esfera da pedagogia escolar como na da pedagogia social, não é algo envolto em consenso. O educador terá que fazer opções, por exemplo, sobre temas, modos de proceder e orientações. Ao fim e ao cabo, trata-se de entender que o trabalho com educação ambiental comporta uma dimensão cognitiva e outra sócio-política, sendo que, por vezes, esta última adquire uma centralidade tal que condiciona e reconfigura a primeira. O trabalho com a educação ambiental, enfim, demanda que o educador, interpretando os sinais da realidade, labore na distinção das possibilidades de realização dos seres humanos e aponte para onde as nossas vidas estão a ser conduzidas.

Certa feita, ao focar o rural e o urbano, disse Henri Lefebvre que é no cotidiano que a interação com a natureza se metamorfoseia em apropriação da vida e que, no marco do urbano, estabelecido sob a contenda das relações sociais, essa interação pode se configurar numa transformação profunda, servindo ao aparecimento de uma vida distinta (Lefebvre, 1978). Diante dos desafios do nosso tempo, essa parece ser uma perspectiva central a ser assumida no contexto da educação ambiental.

#### Referências bibliográficas

BELLAMY FOSTER, Foster (2002). *Ecology against capitalism*. New York: Monthly Review Press.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

CAPELETTO, Armando. *Biologia e educação ambiental: roteiros de trabalho*. São Paulo: Ática, 1992.

EIN - Ecosocialist International Network (2009). *The Belem Ecosocialist Declaration*. Disponível em: <<http://www.ecosocialistnetwork.org/>>. Acesso em: 20 de Maio de 2011.

KOVEL, Joel (2002). *The enemy of nature: The end of capitalism or the end of the world*. New York: Zed Books.

LEFEBVRE, Henri (1978). *De lo rural a lo urbano*. 4 ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

LÖWY, Michael (2005). *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez.

LUKÁCS, Georgy (1980). *The ontology of social being*. London: Merlin Press.

SARTRE, Jean-Paul (1960). *Critique de la raison dialectique*. Paris: Gallimard.

UNESCO (1985). *Interdisciplinary approaches in environmental education*. Paris: UNESCO/Division Science, Technical and Environmental Education.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina